

## Uma Análise Folkcomunicacional da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias – TO

*Cristina Schmidt<sup>1</sup>*



Estamos vivenciando um período em que é fundamental fazer profundas reflexões sobre os diferentes povos que constituem nosso país, consagrando o lugar que lhes cabe na história, na cultura e na política. É um momento importante para reconhecermos as diferenças a fim de que se solidifique conhecimentos, políticas e patrimônios voltados a uma vivência comum e uma cultura de paz. Trazendo a multiplicidade de povos para estudos e produções científicas, grupos que historicamente sempre foram colocados à margem das decisões e do poder, fazemos com que seja sedimentado um caminho de relevo e notoriedade, com uma ciência participante e efetivamente a serviço da sociedade.

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC-SP, Mestre em Comunicação, teoria e ensino - UMESP-SP. Fez estágio pós-doutoral em Comunicação Regional pela Cátedra UNESCO/Umesp. Diretora Científica da Rede FOLKCOM (2019-atual). Pesquisadora colaboradora no PPG-Museu/UFBA. Professora nas Faculdades Bertioğa.

Assim é o que tem feito Wolfgang Teske em sua jornada de pesquisa e produção em Tocantins, uma jornada de construção parceira, de registro preciso, de divulgação assertiva. Seus trabalhos acabam reverberando em laços de amizade e cumplicidade com as comunidades onde atua, e também em fundamentos científicos importantes para balizar políticas públicas em benefício dessa gente, no reconhecimento legal de sua cultura e de seu território.

E também nesta obra que se apresenta, o professor/pesquisador demonstra claramente esse compromisso e propósito. Logo no início, Teske faz um depoimento carregado de sentimento e compromisso: “cheguei naquele entardecer, no início de 2006 [...] Mal sabia eu que ali nascia uma profunda e sincera amizade e parceria com esta família e comunidade quilombola, além de uma mudança em minha vida. Foi a partir dali que me tornei um pesquisador de cultura quilombola, escritor e defensor de sua causa”.

A partir daí o livro traz uma contribuição muito relevante, pois vai além das técnicas tradicionais de pesquisa. A investigação é uma caminhada ombro-a-ombro com os sujeitos, uma pesquisa militante de um cientista crítico e formador que atua para fomentar ações e transformações na realidade que investiga. A postura se assemelha ao que Gramsci define como “intelectual orgânico”, envolvido nas práticas cotidianas daquela gente, faz uma análise detalhada da comunidade quilombola, apontando e evidenciando o processo histórico colonizador europeu/estadunidense sobre o Brasil (América Latina) que impacta na localidade. E mais, evidência como essa cultura de dominação desestrutura, fragmenta, desarticula, dizima um povo/uma cultura colocada na condição de subalternidade, inferioridade e indignidade. Mas também destaca como um grupo marginalizado se articula e cria ações para empoderamento e autonomia.

Dentro do campo que está colocado esse estudo, o campo da Folkcomunicação, essa situação de subalternidade é crucial para entender o relacionamento desses grupos entre si (interpessoal) e com o mundo (intergrupo), Luiz Beltrão coloca que ao estudar estes grupos colocados à margem dos processos hegemônicos o olhar da ciência estará voltado para um fenômeno de comunicação que ocorre em “um mundo”, e depois no mundo. Além disso, esses processos interpessoais são constituídos por mecanismos comunicacionais (emissor, meio/canal, mensagem, receptor) próprios a eles, condizentes com suas demandas socioculturais.

Esses grupos marginalizados são o centro dos estudos de Folkcomunicação, em que se compreendem as formas de comunicação utilizadas para transmitir informação de interesse do universo em que se localizam. Para Beltrão, são três os grupos marginalizados: urbanos, rurais e culturalmente marginalizados. Essas categorias trazem características geográficas, históricas e culturais; e são as expressões que eles materializam para transmitir informações e conhecimentos que vão caracterizá-los – o processo/meio de comunicação intrínseco ao grupo que define sua categoria, seu formato, sua origem.

A Folkcomunicação é justamente o estudo desses processos e mecanismos comunicacionais, sejam eles advindos de um fato folclórico, ou de uma expressão tradicional ou contemporânea, mas sempre de grupos populares que estão à margem dos centros de poder e decisão. E é nessa linha que o livro *Identidade Quilombola, Mineração e Novas Tecnologias* traz grande contribuição para o campo da Folkcomunicação e para os estudos interdisciplinares que articulam as ciências sociais diante de uma realidade que precisa ser reconhecida. Ele nos coloca diante de um grupo marginalizado, uma realidade rural e histórica que constitui um patrimônio imaterial rico em expressões festivas e cotidianas que compreende muitos saberes, e está no âmbito das comunidades tradicionais.

Isso quer dizer que a comunidade apresentada nesse estudo é “sujeito de direito” contemplado pela Constituição Federal de 1988, por meio do artigo 215, que determina proteção do Estado a ele; ou seja, devem estar sob a atenção do Estado as manifestações culturais populares, indígenas e afro-brasileiras, e as de outros grupos participantes do “processo civilizatório nacional”. Além disso, indica que tenham políticas públicas específicas para que isso ocorra.

Mas, esse processo não ocorre automaticamente e nem de maneira plena a partir dessa data, é preciso que haja permanente atuação pública de diferentes segmentos da sociedade para que tais medidas sejam efetivadas. E, nessa linha são desenvolvidos os capítulos do livro *Identidade Quilombola, Mineração e Novas Tecnologias*, que esclarece os marcos legais nesse contexto. Ou seja, o grupo estudado é considerado uma Comunidade Tradicional e requer uma postura atenta a diferentes frentes de análise e ação, conforme apresentado pelo autor.

Desde 2004 a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais (CNPCT) vem debatendo e atuando em prol dessas políticas. Como desdobramento dos trabalhos dessa comissão, em fevereiro de 2017 (Decreto 6.040) foi instituída a Política

Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). Praticamente dez anos após as diretrizes colocadas pela Constituição Federal é que se define uma política específica que busca o reconhecimento e preservação dessas comunidades. Tal resultado emerge em um contexto de participação ativa de diferentes organizações sociais e níveis governamentais – participação integrada de muitos atores para a constituição dessa política pública.

Desse processo, as muitas reflexões e contribuições que resultaram nessa Política (PNPCT) também compreenderam uma definição acerca dos Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs), que foram assim colocados como: “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”. Entre os PCTs do Brasil, estão “os povos indígenas, os quilombolas, as comunidades tradicionais de matriz africana ou de terreiro, os extrativistas, os ribeirinhos, os caboclos, os pescadores artesanais, os pomeranos, entre outros”.

Essas definições e precisões conceituais podem ser acompanhadas no decorrer deste livro. No primeiro capítulo, por exemplo, o autor traz todo um panorama conceitual sobre mundo moderno-mundo colonial, caracterizando bem a imposição entre os povos. E, também, apresenta os caminhos e estratégias atuais: da mineração, das novas tecnologias, e da comunidade quilombola para uma adaptação e/ou resistência.

Interessante ver, inclusive, no decorrer da análise da Comunidade em foco, como os tentáculos da globalização vão penetrando a cultura local em momentos e estágios diferentes. Exemplifica bem o que diz Canclini sobre os desdobramentos da sociedade moderna, onde existem culturas/grupos em que o processo da pós-modernidade se instalou e em outras (às vezes na mesma) em que a modernidade ainda nem chegou. Como na comunidade estudada em que a telefonia móvel chega antes do trator/equipamento para os trabalhos na agricultura.

Outro aspecto importante que está colocado nesse livro e que coaduna com Canclini, mas principalmente com Beltrão e o que de fato a Folkcomunicação se propõe estudar é que “mais do que as características e processos que se perderam, nos interessa as características e processos que se transformaram”, e por quais processos comunicacionais essas mudanças

foram sendo transmitidas. Nesse contexto em que o grupo já se reconhece, as atualizações vão sendo absorvidas e são criados novos mecanismos de comunicação dos saberes e fazeres.

Está bem colocado no livro que “a folkcomunicação é uma demonstração de resistência cultural por parte dos considerados marginalizados”. Eu diria ainda, de resistência, organização e posicionamento no contexto da globalização (da arena global) onde, como avalia Hall, as identidades estão sendo “descentradas”, deslocadas e fragmentadas. Mas, que mesclam o tradicional e o moderno em cruzamentos socioculturais, considerando o sujeito pós-moderno com identidade provisória.

Bauman vai explicar esse fato dizendo que se trata de “identidades móveis”, flutuantes com desentendimentos e negociações, ele diz que “o pertencimento e a identidade não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida”, são negociáveis e renegociáveis. Dentro disso, a resistência não está obrigatoriamente ligada ao pertencimento permanente ou à permanência, mas sim à fluidez e ao movimento. Voltando a Hall, ocorre a mescla do tradicional/do ancestral com o moderno e o pós-moderno, fazendo apropriação das tecnologias: fogão a gás, geladeira, TVs, trator, técnicas construtivas e agrícolas, computador e celular. É o que o livro demonstra detalhadamente quando traz as seis fases do Quilombo da Lagoa.

Por isso, a Folkcomunicação é uma metodologia muito apropriada para o estudo desse contexto todo. E o autor aplica bem os conceitos, trazendo o líder-folk ou “agente-comunicacional” que passa também a ativista midiático, como é o caso do presidente da associação, o grupo da folia de Reis e Roda de São Gonçalo, os jovens que produzem filmes, as feiras e outras participações das lideranças em conferências, concursos e festivais.

Entrando nas especificidades do trabalho, os capítulos do livro vão nos colocando no universo de uma comunidade tradicional, de um grupo marginalizado rural que se interconecta com o urbano, por meio das fundamentações e vivências em campo. Em cada etapa a obra vai detalhando os aspectos que apontam uma atualização identitária resultante das negociações e fluidez das práticas culturais no quilombo, em processos de mudanças e permanências paralelas e que se convergem. Além disso, demonstra um aspecto de grande contribuição que é evidenciar as ações da comunidade para um posicionamento social com muita divulgação e resistência. E isso é resultado de uma metodologia de observação participante, ombro-a-ombro, e estimuladora de uma série de ações sociais e comunicacionais.

Outra questão que merece relevância é o destaque que foi dado à Folkcomunicação. Apresenta a história de Beltrão, da teoria da folkcom e vai muito além do que fundamentar a pesquisa. As concepções que Beltrão faz sobre os grupos marginalizados, sobre o líder de opinião, e sobre folkmídia estão muito bem apresentadas, fiéis às teorias de origem, e demonstrando sua pertinência para uma análise contemporânea. Apresenta com detalhes o campo de estudos da Folkcomunicação e termos que são muito relevantes e podem ser utilizados como referência para outros pesquisadores que recorrem a este livro.

Portanto, é muito gratificante prefaciá-lo este livro que se revela primordial para situar o campo de estudo no qual atuamos e defendemos há mais de três décadas, mas que se constrói como ciência brasileira a partir de Beltrão por mais de meio século. A obra demonstra a importância da teoria da Folkcomunicação para analisarmos esse tempo presente globalizado, midiático, espetacularizado. Uma sociedade que se articula por meio de redes digitais, mas que é historicamente construída a partir de redes sociais interpessoais.

A obra demonstra que por meio da ciência, de uma pesquisa interdisciplinar, é possível contribuir com reflexões comprometidas com a sociedade, mas mais do que isso, que a pesquisa sai dos meios acadêmicos para servir aos grupos marginalizados em uma sementeira de reconhecimento, resistência e “justiça ambiental”.

### **Ficha Técnica:**

**Título:** Identidade, Mineração e Novas Tecnologias. Análise folkcomunicacional das mudanças e permanências da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO

**Autor:** Wolfgang Teske

**Editora:** Editora Dialética - SP

**Ano:** 2023

**Número de páginas:** 350 p.

**Tamanho:** 23cm X 15,5cm.

**ISBN Livro físico:** 978-65-252-8639-6

**E-book:** 978-65-252-8640-2

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: A comunicação dos marginalizados. São Paulo: Editora Cortez, 1980.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- TESKE, Wolfgang Luiz. **Identidade, Mineração e Novas Tecnologias**. Análise folkcomunional das mudanças e permanências da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO. Petrópolis: Vozes, 1977.